

## A construção da Romaria do Caaró

Júlio Ricardo Quevedo dos Santos<sup>1</sup>

Todo o evento tem um princípio, um acontecimento que marca de forma indelével a memória e a história das pessoas, que passam a ressignificá-lo e atualizá-lo em diferentes momentos. O princípio da Romaria do Caaró está circunscrito às atividades de conquista espiritual do século 17, quando os jesuítas evangelizavam as populações indígenas na região do Rio da Prata, particularmente na margem esquerda do rio Uruguai. Segundo os relatos, tudo ocorrera no Caaró em 15 de novembro de 1628, quando o padre Roque Gonzalez de Santa Cruz, S.J., após rezar a missa e a ação de graças foi assassinado por uma liderança indígena. No mesmo local e poucos minutos após o outro padre, Afonso Rodriguez S.J., também foi assassinado. Depois, os corpos dos padres foram arrastados para dentro da capela de pau a pique, que foi incendiada. No dia seguinte, o coração do padre Roque foi arrancado e jogado ao fogo, porém ele ficou ileso e encontrado alguns dias após. Essa narrativa tem seduzido muitas pessoas, que a defendem, repetem, valorizam, acrescentam, introjetam e buscam nela um sentido, tanto espiritual quanto material. Esse evento tem por desdobramento alguns outros eventos, entre eles a Romaria do Caaró, que acontece desde 1933 na região das Missões do estado do Rio Grande do Sul. Essa peregrinação religiosa reúne um significativo número de pessoas que recorrem ao Santuário do Caaró, lugar considerado sagrado, que está composto de uma fonte d'água, do suposto lugar onde dois jesuítas foram martirizados, da Capela Três Mártires,<sup>2</sup> das simbólicas lápides, de um altar e de um pátio interno com imagens da via-sacra. Para esse lugar se dirigem os romeiros, peregrinos devotos dos Três Mártires para pagarem suas promessas, agradecerem, pedirem graças. A Romaria do Caaró é uma prática da cultura popular que se corporifica como um dos lugares da memória missioneira,

---

<sup>1</sup> Docente do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria, doutor em História Social pela USP e membro dos PPGs mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural e mestrado acadêmico em História, ambos na UFSM.

<sup>2</sup> O terceiro padre martirizado em 17/11/1628 foi Juan de Castillos, morto em outro local, nas proximidades do Rio Ijuí.

cuja historicidade pode ser reconstruída a partir de 1933, quando a Igreja Católica oficializou o evento.

A presente análise se restringe ao processo de construção dessa prática cultural, nas décadas de 1920 e 1930. Nesses momentos, os habitantes da área do atual Santuário do Caaró – quando ele ainda não existia – buscavam em suas lembranças os acontecimentos do fato fundante do evento<sup>3</sup>, essas diversas memórias orais e coletivas, eram partilhadas por estancieiros, peões, pequenos lavradores, imigrantes, os quais se predispunham como guardiães da memória, detentores de narrativas que se transformavam em voz corrente de um passado que consagrava o milagre, o sagrado, os sinais e as relíquias. As populações locais e particularmente os descendentes de imigração européia disputavam com a Igreja Católica as narrativas, as interpretações do passado missioneiro, a circularidade das idéias, a ressignificação e, principalmente, a apropriação do evento.

Nesse sentido, a partir da década de 1920 os campos de batalha e defesa dessa prática cultural se multiplicavam e foram bastante promissoras à construção da Romaria, quando tiveram início as primeiras procissões nas ruínas de São Miguel, entre 1927-1932. Em 1933, o lugar do espaço sagrado e de convergência dos peregrinos já era de domínio público, ocasionando a edificação da capelinha por volta de 1936-1937 nas terras da família de Horácio Marques de Menezes.<sup>4</sup> A confirmação do espaço sagrado em 1933 referenda o êxito dos habitantes das proximidades do Caaró como o lugar santo, neutralizando as disputas e possibilitando a Igreja Católica mais um lugar da memória cristã. Porém, coube aos intelectuais católicos a definição do lugar do martírio, o princípio da romaria, bem como a confirmação dos primeiros milagres, os sinais necessários à devoção popular. Convém destacar que no começo havia mais dúvida do que certeza sobre o local exato do martírio dos

---

<sup>3</sup> Sobre o debate do evento fundante ou o fato fundante, gerador do acontecimento e que remete para um tempo remoto, cuja construção de linguagens alegóricas reconstróem o passado, conferir: SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2011; SAHLINS, Marshall. **Como pensam os nativos: sobre o capitão Cook**, por exemplo. São Paulo : EDUSP, 2001; CLIFFORD, James. **The Predicament of Culture: Twentieth Century Ethnography Literature an Art**. Harvard University Press, 1988.

<sup>4</sup> Em 1975 o senhor Horácio Marques de Menezes, aos 94 anos, lembrava em reportagem ao jornal Zero Hora sobre os momentos marcantes do encontro e definição de Caaró, em 1933. O Senhor Menezes foi o guardião da memória do Caaró, foi o principal interlocutor entre o passado perdido e aquele momento simbólico na ressignificação da fé ao padre Roque. Foi ele quem conduziu os padres Estanislau Volski, Luís Jaeger e Max Lassberg aos supostos vestígios, às relíquias missionárias em suas terras, atual Santuário do Caaró (jornal “Zero Hora”, 13/11/1975).

padres e do Caaró. Vejamos a afirmação de um dos expoentes da Igreja Católica, o padre historiador e professor Carlos Teschauer, S.J., cuja obra de 1913 relata:

Em ambos [os mapas] acha-se bem marcado o logar do martyrio, entre os hodiernos povos missioneiros de S. Lourenço e S. Miguel, que ficam entre os rios Piratini ao sul e o Ijuhy ao norte, ambos tributários da margem esquerda ou oriental do [rio] Uruguay, neste Estado do Rio Grande do Sul. [...] Para determinar o local de Caaro ou do martyrio, vê-se no mapa de 1744, que uma cruz, encimada da palavra Caaro, está um pouco ao norte de S. Miguel e S. Lourenço, mais perto deste povo ao grão 28° e 10' de latitude sul e 32°, 25' de longitude. Uma nota, na margem inferior, a qual não vem aqui, diz que este signal, a cruz, indica o local onde os padres Roque Gonzalez e Affonso Rodriguez foram martyrisados pelos índios guaranis [...] o nome do arroio Carogué dá testemunho da antiga redução Caaro; pois o nome Carogué, traduzida da língua guarani significa: Aqui foi Caaro. Hoje nem nos mappas nem na região já não se acha vestígio desta denominação do arroio ou da capela. O dito arroio passava por entre povos de S. Lourenço e S. Miguel rumo norte, desembocando no rio Ijuhy pela margem esquerda [...] passei pelo sitio, há vinte annos sem suspeitar que era tão memoravel e tão digno de ser visitado e assignalado ao menos por um cruzeiro ou uma simples lage que informasse o viandante sobre importante facto. (TESCHAUER, 1913, p. 95-97)

É perceptível nesse fragmento supramencionado que, no começo do século 20, ainda não havia certezas, muito menos evidências sobre o lugar do martírio. As coordenadas geográficas mencionadas por Teschauer não nos remetem ao atual local do Santuário. Na verdade, a fala desse insigne historiador sul-rio-grandense não nos permite a precisão do local, além do que, ele próprio recupera as suas lembranças do início do século 20, quando percorreu o suposto local do evento, sem reconhecê-lo como tal.

Na década seguinte, o jesuíta Luís Gonzaga Jaeger se propôs a unificar esse sistema de crenças e racionalidades relativas a evidencia do evento, ao definir o local gerador da romaria<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> O padre Luís Gonzaga Jaeger, S.J., após estudos e baseado na tradição oral vigente na região e nas pesquisas *in loco*, **presumiu** o local do martírio dos missionários jesuítas, Roque Gonzalez de Santa Cruz e Afonso Rodriguez, identificando-o na propriedade da família de Horácio Pinheiro Meneses, onde se situa atualmente o Santuário do Caaró, conjunto composto pela capela, via-sacra e fonte d'água.

– o martírio e os seus desdobramentos – pesquisando, escavando, buscando os possíveis vestígios que atestassem o episódio:

Certo Senhor E. L., muito devoto dos três Martíres, desde vários anos se ocupava com a idéia de achar o verdadeiro Caaró. Até mesmo já empreendera com este fim uma viagem de um dia e meio, acompanhado de mais dois amigos. Não descobriu, porém, coisa nenhuma. Algum tempo antes da nossa chegada para aquela zona [1927], nosso homem – como no-lo narrou ele próprio – veio em sonhos uma pessoa [parece que um padre] vir do lado direito do Ijuí da Cerro Azul, Passar por Santa Lúcia [atual Caibaté-RS], onde morava nosso informante, perguntar pelos três homens que haviam procurado Caaró, na intenção de levá-los consigo – entretanto o que não se fez naquele dia pelo adiantado da hora – e rumar em direção da fazenda de Horácio [Menezes]. No outro dia seguiu ele ao peregrino, vendo ainda em sonhos a casa do fazendeiro, depois a coxilha, e mais para além do banhado onde se submergiu, mas donde tirou um sacerdote que lhe apareceu; encontrou no alto da coxilha uns homens fazendo escavações e que lhe disseram que estavam procurando o lugar do martírio do Padre Roque e lhe mostraram cacos de louças e pedaços de madeira queimada. Aí nosso informante tomou, sempre em sonhos, uma picareta, bateu no chão, percebeu um som abafado e declarou: este é o lugar do martírio do Padre Roque. Os outros examinaram o ponto e confirmaram sua exatidão. (JAEGER, 1954, p. 311-312)

A pesquisa propriamente dita foi coordenada por Jaeger, professor do Colégio Anchieta de Porto Alegre, organização confessional jesuítica. O padre Jaeger viaja de Porto Alegre para a localidade, a fim de coordenar a pesquisa arqueológica, que teve a participação do padre Max Lassberg e de colonos católicos de Cerro Azul, atual Cerro Largo, que foi cotejada com fontes documentais e orais, incidindo na propriedade particular de Horácio Menezes, que cedeu inicialmente aos jesuítas o lugar para a construção da Capela dos Três Mártires. Essa confirmação também é relatada por D. Estanislau Wolski, pároco de São Luiz Gonzaga, na obra *“Polyantéa Missioneira”*, publicada em 1940, uma narrativa sobre as origens das primeiras romarias, seus sentidos e suas necessidades. D. Estanislau era antigo pároco de São Luiz Gonzaga e em sua obra enfatiza e define o local do evento:

O local do martírio de Roque Gonzales está dentro do triângulo cujas linhas se foram entre S. Miguel – S. Lourenço – foz do arroio Urubú-caarú –, tal deve ser o ponto, conforme vai delineado num mapa de 1744 [...] Si ainda falta um marco histórico, não falta outro marco mais durável: é a gratidão, a admiração e a veneração que a população missioneira volta a seu fundador, a romaria de 3.000 pessoas no dia 15 de novembro de 1928. (WOLSKI, 1940, p. 29)

A exatidão do local do martírio, o fato fundante construtor e gerador da romaria, impressionou as comunidades locais, entre elas, os habitantes de Santa Lúcia, ex-Colônia Rodinha, atual Caibaté, consagrados como os principais romeiros e os organizadores das comemorações, das festividades, observando os aspectos litúrgicos do evento. O evento do martírio passou a ser ressignificado e as populações missioneiras gradativamente se apropriaram desse acontecimento do passado histórico missioneiro, construindo suas identidades a partir dele. No entanto, nesse processo de apropriação e ressignificação do passado histórico missioneiro, recuperou-se o que era interessante de ser preservado à luz da devoção católico-popular das décadas de 1920 e 1930, as lembranças de um passado distante passaram a conviver com os esquecimentos e com as representações sociais sobre o martírio.

As narrativas míticas dos mártires passaram a povoar o imaginário coletivo e popular dos romeiros e o evento de 15 de novembro de 1628 assumiu o caráter de evento fundador, construtor da ordem missioneira, em detrimento das narrativas históricas sobre a fundação das comunidades de imigrantes que ali se estabeleceram no começo do século 20. A revelação do sagrado assumiu o sentido de aliança divina com as populações, cujos lances atingiram proporções de grande acontecimento, construindo o santuário como um lugar sagrado da memória missioneira.

Entre as narrativas edificantes do evento, destacamos a dos padres João Batista Reus S.J. e Jesus Acerete S.J., os quais produziram a cartilha “Os Três Mártires”, em 1934, que quase nunca é mencionada nas análises sobre o evento. Essa cartilha era bilíngüe (português-espanhol) distribuída às comunidades católicas e às crianças em fase de catequese. O seu fim era catequizar as famílias, narrando os episódios e ricamente ilustrada, o que facilitava bastante o diálogo com os analfabetos. Nela se produz um discurso eficiente na defesa de que os mártires foram eleitos por Deus para derramarem o seu sangue em prol da evangelização

do povo sul-rio-grandense. Para comprovar tal tese, a cartilha é permeada de exemplos e depoimentos de fé e milagre, com destaque que após a morte do padre Roque: “o coração, porém, ficou ileso [...] A autenticidade deste fato foi confirmada pelos próprios assassinos, que caíram nas mãos da justiça”. (REUS; ACERETE, 1934, p. 31). No entanto, no texto também há a preocupação em confirmar a delimitação do local, narrado de forma fantasiosa:

Numa noite, em janeiro de 1933, ao tempo em que se faziam as excavações em procura do lugar do martírio, um dos cavouqueiros que estava a rezar fervorosamente o terço, pedindo a Nosso Senhor que lhe manifestasse se aquele era realmente o lugar do martírio, viu de repente um fenômeno luminoso, rubro, de alguns metros de extensão, baixar do céu sobre um ponto determinado do campo. O fenômeno desceu lentamente, parou alguns instantes e desapareceu. O homem tomou nota do lugar e desenterrou ali no dia seguinte a primeira cruzinha. (REUS; ACERETE, 1934, p. 32)

A partir de então, se organiza a liturgia que unificou o sistema de crenças e racionalidades e resultou na formação da romaria e do santuário, os quais são reconhecidos como patrimônio cultural missioneiro, partilhando diferentes práticas culturais no âmbito do popular e da tradição católica. O fantasioso, o alegórico e o real, passaram a conviver juntos e foram incorporados em único discurso, que reconhece aquele local como do martírio, da fé, da devoção, do milagre, referendando-o como lugar da memória missioneira. O clero católico passou a aceitar o primeiro milagre, o fato que o coração do padre Roque<sup>6</sup> ficou ileso em meio ao martírio, sendo esse o sinal de ser ele um eleito e enviado de Deus para propagar a fé católica, considerada pelos populares e pelo clero como uma relíquia cristã.

A partir dessas considerações, propomos como método compreender a Romaria e o Santuário do Caaró como patrimônio cultural missioneiro e a sua construção social através da revista Rainha dos Apóstolos, a partir do espaço reservado aos intelectuais católicos – em particular os padres jesuítas – na construção de narrativas positivas do martírio.

---

<sup>6</sup> O padre Cândido Santini, S.J., na obra “*Triunfos dum Coração*”, escrita em 1940, uma espécie de diário, narra como essa relíquia da Igreja Católica, encontrado em Roma, em 1903, e que estava em Buenos Aires, voltou após 312 anos a Caaró. E como os peregrinos percorreram todas as paróquias do Rio Grande do Sul para que ele fosse celebrado pelas comunidades católicas. A Romaria de 1940 atraiu mais de 5 mil pessoas curiosas de verem e tocarem nessa relíquia, reconhecida e legitimada enquanto princípio da liturgia católica.

Assim, gradativamente a Romaria do Caaró passou a se constituir em prática cultural formador do patrimônio cultural missioneiro, no qual encontramos os denominados três “modos de acesso” ao passado os quais mais contribuem à consciência do patrimônio nas sociedades modernas. Esses “modos de acesso” são estipulados por Susan Davis, quando esclarece a relação entre história e patrimônio, quais sejam: memória, história e “reliquias”,<sup>7</sup> cujas expressões são os fragmentos, os vestígios que encontramos dos eventos de 1628, com a superestimação do Martírio. Nele o fragmento do coração do padre Roque, a água da fonte sagrada, os demais milagres decorrentes, os quais sobreviveram ao tempo e à ganância das sociedades do passado, que nem sempre preservaram, conservaram e valorizaram, onde as comunidades passam a negociar com as referências do passado missioneiro.

Nos “modos de acesso” às representações do passado histórico, que fundamentam os romeiros, põe-se em prática um exercício de leitura do mundo e de suas contradições, reconhecendo os silenciamentos, os esquecimentos, as exclusões, pertinentes à composição da memória e da história. Nesse sentido, nos valemos de Prats<sup>8</sup> para entender o patrimônio cultural é uma construção social. Diante desses argumentos, construímos a premissa a partir do entendimento da importância do Patrimônio Cultural como ferramenta de construção da consciência crítica e de entendimento de pertença da História, conforme a abordagem de Vera Lúcia Maciel Barroso<sup>9</sup>. Nesse sentido, compreendemos a necessidade dessa ferramenta para contribuir na revitalização dos vínculos do tempo presente com o passado histórico, buscando nos vestígios culturais da Romaria do Caaró e a sua ressignificação do evento fundante, os resíduos possíveis, reconstruídos e ressignificados, que possam fortalecer a memória social e a memória coletiva. Analisar a Romaria do Caaró é percebê-la como expressão do patrimônio cultural missioneiro e regional, por isso é possível buscar na interpretação de Nestor Canclini

<sup>7</sup> As reliquias são concebidas como: “resquícios físicos sobreviventes de todos os tipos (construções, artefatos e coisas do tipo), sempre geram uma resposta emocional, seja favorável ou desfavorável”, segundo DAVIS, S. História e patrimônio. In: LAMBERT, P., SCHOFIELD, P. (Orgs.) **História: introdução ao ensino e à prática**. Tradução R. C. Costa. Porto Alegre : Penso, 2011. P. 320.

<sup>8</sup> PRATS, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. **Política y Sociedad**, Madrid, 27, p. 63, 1998.

<sup>9</sup> BARROSO, V. L. M. Educação patrimonial e ensino de história: registros, vivências e proposições. In: BARROSO, V. L. M. et al. [Orgs.] **Ensino de história: desafios contemporâneos**. Porto Alegre: EST, 2010. p. 22.

o seu significado.<sup>10</sup> A partir das proposições de Canclini podemos problematizar o fato de que a Romaria do Caaró, enquanto patrimônio cultural é atrativo e objeto do turismo religioso para manter-se.<sup>11</sup> Essa conjectura torna-se mais clara, no momento em que o autor assim pontua: “nos debates sobre o patrimônio histórico costuma-se ver como inimigos atuais processos de mudança, o desenvolvimento urbano, a mercantilização, as indústrias culturais e o turismo” (CANCLINI, 1994, p. 95).

Mas essa romaria possui as suas particularidades, além de estar conectada com o universo simbólico cristão jesuítico, ela seduz os romeiros devido a suas falas sagradas e, muitas vezes, fantásticas como o fato de o coração do padre ter saído ileso do massacre – considerado pelos romeiros como o primeiro grande milagre. Além disso, existe a fonte sagrada, nela a água como elemento simbólico de peregrinação, presente no saber e na crença popular de que o “sangue dos mártires do Caaró além de banhar a terra, tornou-se a água derramada pelas fontes, purificadora da “alma”, na “salvação” transcendente do corpo. Esses elementos simbólicos compõem o Patrimônio Cultural do Santuário do Caaró.

Os romeiros e as comunidades em geral que freqüentam o santuário reconhecem como importante à formação do missionarismo,<sup>12</sup> às suas negociações com o passado, as suas apropriações desse passado e o sentimento de preservar o evento, o que segundo Canclini faz referência: “a quase totalidade dos estudos e das ações destinados a conhecer, preservar e difundir o patrimônio cultural continuam se ocupando apenas dos monumentos (pirâmides, locais históricos, museus)” (CANCLINI, 1994 p. 99). À medida que avançamos na pesquisa da romaria, percebemos o quanto o patrimônio cultural imaterial está sendo preservado e

---

<sup>10</sup> É pertinente mencionar que em relação a essa definição compartilho da proposta presente no texto de Canclini (1994, p. 96), no qual o autor afirma que: “o patrimônio cultural expressa a solidariedade que une os que compartilham um conjunto de bens e práticas que os identifica, mas também costuma ser um lugar de cumplicidade social”. A partir dessa definição podemos entender a Romaria do Caaró nessa relação, uma vez que a comunidade organiza-se para receber um contingente de peregrinos que vai à romaria.

<sup>11</sup> ALVES, C. A. S. **O caminho das Missões e seus peregrinos:** nova modalidade de produto turístico na região das Missões. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. 162 f

<sup>12</sup> O termo missionarismo está sendo usado aqui no sentido atribuído por Roselene Pommer, enquanto identidades negociadas com o passado da região das Missões do Rio Grande do Sul, na obra *Missionarismo: História da Produção de uma Identidade Regional*, em que as populações que vivem na região das Missões se apropriam e acionam as identidades missionárias na atualidade, a partir de suas representações do passado histórico jesuítico-guarani, desenvolvendo por elas um sentimento de pertença.



transmitido oralmente pelos diferentes grupos que a frequentam, sendo a preservação e difusão desse patrimônio cultural tão relevante quanto os monumentos.

No momento em que o evento do martírio é recuperado à luz do processo histórico sul-rio-grandense, a ordem dos padres Pallottinos cria a revista “Rainha dos Apóstolos”, enfatizando as narrativas históricas sobre o martírio, no decênio de 1923-1933. Das páginas da revista brota uma versão oficial da Igreja Católica sobre o martírio e sobre os mitos fundadores da Críandade no Rio Grande do Sul.

Além disso, ao analisarmos o processo de formação da Romaria do Caaró, o qual acontece, concomitantemente, ao processo de beatificação dos três mártires, evidencia-se o caráter de ressignificação do martírio dos padres. Afinal, após 300 anos, o significado dos mártires do Caaró se transforma. De episódio colocado à margem da história, torna-se ressignificado, a fim de acompanhar as homenagens ao tricentenário do martírio. Os romeiros detém o poder sobre alguns elementos do patrimônio cultural missionário como, estarem no local onde – supostamente – foi consagrado o martírio e o milagre, eventos incomparáveis com outras áreas da região das Missões.

Mas, a Igreja Católica ao negociar com esse passado histórico construiu um discurso oficial, que ultrapassa a cultura popular, num processo de apropriação do mesmo. As narrativas populares e orais passam a ser redimensionadas pela intelectualidade católica, durante a construção do evento, confirmando a importância desse patrimônio religioso para a história do Rio Grande do Sul. Nas páginas da revista, até 1933, Diosen Marin<sup>13</sup> acompanhou os momentos decisivos na construção do evento, de forma monumental para explicar a presença da Igreja Católica e da Companhia de Jesus na formação do Rio Grande do Sul. A revista possui circulação estadual, atendendo naquela época às elites católicas e à população em geral. A história dos mártires do Caaró passou a servir de modelo a esse ideário, sendo retomada e ressignificada ao sabor da evangelização. É preciso reconhecer as divergências que ocorrem no evento e as suas pluralidades, porém, esse não era o propósito nem dos intelectuais católicos – na maioria padres – nem mesmo das linhas do editorial. Por isso, convém salientar algumas pesquisas que desconstruíram de forma clara e qualitativa em suas

---

<sup>13</sup> MARIN, D. **Mídia e religião: a Romaria do Caaró nas páginas da Revista Rainha**. 2011. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

análises e fontes, como os trabalhos de Ezeula Lima de Quadros e Paulo Rogério Melo de Oliveira<sup>14</sup>. A partir deles, é possível perceber o caráter que a Romaria vem adquirindo recentemente no turismo religioso e na construção das identidades regionais.

Todavia, é perceptível nas narrativas jesuíticas expressas na “Rainha dos Apóstolos”, a preocupação de justificar e patrimonializar o evento, já que a Companhia de Jesus tratou e preservou os seus documentos como monumentos, tanto pelo seu caráter de registro e homenagem dos episódios, quanto pela intencionalidade do que foi produzido. Com isso, é relevante mencionarmos a dedicação do grupo em preservar o que ficaria para a posteridade. A partir disso, podemos afirmar que “todo o documento é monumento, na medida em que supõe uma intencionalidade, encerra determinadas relações de poder e projeta para o futuro uma imagem desejada de alguém, de uma instituição, de um acontecimento, ainda que involuntariamente”.<sup>15</sup>

Para entender a construção da patrimonialização, pode-se buscar em Jacques Le Goff, a noção de documento/monumento. Além disso, a formação de uma lógica peculiar expresso, segundo Le Goff, no binômio documento/monumento, o que chama a atenção exatamente pelo seu caráter discursivo ou de montagem, em que um discurso é forjado, a fim de reificar uma personagem ou, no intuito, de criar um mito.<sup>16</sup> Ou seja, a Romaria do Caaró pode ser entendida como um documento/monumento, uma vez que sua consolidação é resultado da construção dos três mártires, com destaque a Roque González, apresentado como mito fundador das missões jesuíticas na região do Rio da Prata, compreendendo na atualidade o sul do Brasil, o Uruguai, a Argentina e o Paraguai, onde podemos localizar a atuação da Província Jesuítica do Paraguai e os seus diferentes povoados missionários, os quais variavam em torno dos denominados 30 Povos. Nesse sentido, se torna relevante mencionarmos a preocupação que os padres da Companhia de Jesus dispensam ao passado e à memória da instituição. Além disso, um grande número de jesuítas dedica-se a rememoração da obra

<sup>14</sup> QUADROS, E. L. de. **A defesa do modo de ser guarani: o caso de Caaró e Pirapó, em 1628.** 201. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, OLIVEIRA, P. R. M. **O encontro entre os guarani e os jesuítas na Província Jesuítica do Paraguai e o glorioso martírio do venerável padre Roque Gonzalez nas tierras de Ñezú.** 2009. 503f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre.

<sup>15</sup> OLIVEIRA, op. cit., p. 53.

<sup>16</sup> LE GOFF, Jacques. Memória-História. In: **Enciclopédia Einaudi.** V. 1. Verbetes “Documento/monumento”. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.

missionária jesuítica (que tem como principal fonte a correspondência epistolar), com isso é evidente a importância que atribuem à história, por ser sua escrita uma possibilidade de resguardar a memória da instituição, que explica o patrimônio cultural missionário.

As mensagens oriundas da revista *Rainha dos Apóstolos* convocava a população local a organizar/render homenagens aos mártires, através de procissões, romarias. Entretanto a adesão da população a essa proposta da Igreja, provavelmente, seja resultado de algumas benesses que a comunidade poderia adquirir ao apoiar a proposta da Igreja, contudo essa proposição será desenvolvida, posteriormente. Assim, pode-se compreender a Romaria do Caaró enquanto prática cultural, uma vez que implica uma mobilização popular, organizacional e política para a sua realização. Trata-se assim de um evento que confere autenticidade à região, já que a religiosidade na região também é uma herança cultural em seus diferentes momentos históricos.

Após essas questões iniciais, Diosen Marin problematiza: como a revista *Rainha dos Apóstolos* reconstrói a imagem dos mártires? Passa então a recuperar a trajetória da revista que desde sua primeira edição, de abril de 1923, evidencia sua posição editorial ou seu *ethos*<sup>17</sup>, a partir da qual se propõe a ser uma publicação dedicada a propagar e defender as missões católicas, tanto no Brasil quanto no mundo. Nesse sentido, a defesa dos mártires toma conta das páginas da revista.

Os primeiros números da revista<sup>18</sup>, no ano de 1923, dedicam-se exclusivamente à divulgação das missões, dentre as tantas temáticas de lisonjeio, podemos citar: a capacidade dos evangelizadores das missões jesuíticas tanto no Rio Grande do Sul quanto no Paraguai, nas quais os índios, mesmo após um século e meio, ainda sabiam rezar. Nessa reportagem, ainda identificamos a construção de uma imagem pejorativa dos indígenas, os quais são denominados de “rudes” e descritos como “não gostam de trabalhar”.<sup>19</sup> Na compreensão de

---

<sup>17</sup> De acordo com Maingueneau (1989, p. 45), “o discurso é inseparável daquilo que poderíamos designar muito grosseiramente de uma voz”, sendo que essa voz pode ser apresentada como o *ethos* da revista. Com isso, podemos entender o *ethos* como o que é revelado pelo próprio modo de se expressarem.

<sup>18</sup> É pertinente mencionarmos que no ano de 1923, a revista *Rainha dos Apóstolos* era bimensal, mas a partir do ano de 1924, suas publicações tornam-se mensais, sendo que essa periodicidade da revista é mantida durante todo o período estudado, de 1923 à 1933.

<sup>19</sup> REGINA APOSTOLORUM. Vale Vêneto, n. 2, p. 13, jun. 1923.

Diosen Marin é importante analisar o conteúdo do discurso da *Rainha dos Apóstolos*.<sup>20</sup> Nas edições de fevereiro e março de 1924, é publicado um artigo denominado *Cultores Martyrum*. Esse artigo faz referência à necessidade de a comunidade católica brasileira organizar-se, como acontece com as associações científico-religiosas que florescem em Roma, a fim de promover a beatificação dos três mártires. A justificativa para a organização dessas associações se deve ao fato de que deixemos de cultuar santos “além mar” e, a partir disso, convida aos católicos a aclamarem/pedirem a beatificação dos mártires, os quais são aclamados, pela revista, como os primeiros santos brasileiros. Em *Cultores Martyrum* é feita a primeira defesa dos mártires, ou seja, em fevereiro de 1924 já encontramos referência à tentativa da Igreja de promover a sensibilização popular favorável à beatificação dos mártires.<sup>21</sup> Na continuação do artigo *Cultores Martyrum*, março de 1924, os leitores são notificados sobre os passos de um processo de beatificação. Posteriormente, os católicos são convidados a formar uma associação de “*Cultores Martyrum*”, com alguns membros em todas as paróquias do Rio Grande do Sul, a fim de “propagar o culto aos heróis da fé”, sendo essa a maneira como a revista refere-se aos mártires. Ainda, nesse artigo é narrada aos leitores a história dos heróis missionários, a qual nos é apresentada como um passado grandioso<sup>22</sup>.

A obra do intelectual católico, o padre Carlos Teschauer, S.J., foi sendo publicada ao longo dos anos, dividida de acordo com os capítulos do livro e foram sendo publicados em edições da revista, perpassando os anos de 1928 até 1931. Essas publicações saem numa seção homônima ao seu livro, *Vida e obras do Venerável Roque González de Santa Cruz*.

No editorial de 1926, há uma declaração sobre a necessidade da canonização dos santos mártires. “Ao invés de levantar monumentos a homens, cuja importância para a nossa pátria foi quase nula, excelente seria labutar pela canonização dos nossos mártires, os quais abreviaram ou deram sua vida pela civilização dos índios”<sup>23</sup>. Assim a Igreja congrega a

---

<sup>20</sup> Antes de nos atermos à análise da revista, é pertinente mencionarmos que a abordagem realizada consiste em analisar os artigos que se remetem aos mártires e qualquer temática relacionada à Romaria do Caaró, pois entende-se que a organização da romaria só foi possível, a partir do processo de ressignificação dos mártires. Ou seja, estudaremos a Romaria do Caaró através do processo de ressignificação dos mártires e não, exclusivamente, artigos referentes à romaria, pois o que se pretende entender é como esse patrimônio cultural é construído.

<sup>21</sup> REGINA APOSTOLORUM. Vale Vêneto, n. 2, p. 24, fev. 1924.

<sup>22</sup> REGINA APOSTOLORUM. Vale Vêneto, n. 3, p. 36, mar. 1924.

<sup>23</sup> Ibid., n. 11, p. 164, nov. 1926.

população a participar do processo de canonização dos mártires, onde se verifica que esse processo de aproximação dos mártires com a população não foi imediato, além disso, demandou o esforço da Igreja em agregar os católicos a essa causa.<sup>24</sup>

Essa trajetória atinge um excelente nível de debate em 1928, no qual foi comemorado o tricentenário do martírio existem inúmeras referências aos mártires do Caaró. O primeiro artigo sobre os mártires é de julho de 1928, o qual é denominado *Os Martyres Brasileiros* (sic); nesse artigo os católicos são, novamente, motivados a participar do processo de canonização. Entretanto, um dos fatores intrigantes do artigo refere-se ao fato de os mártires serem apresentados como brasileiros, uma vez que, eles não o são, com isso, supomos que talvez seja uma tentativa de aproximá-los da população. Além de brasileiros, eles também são apresentados como heróis nacionais, ou seja, percebemos nessas construções discursivas uma tentativa de aproximar os mártires da população. Nesse mesmo ano, há outro artigo referente ao Pe. Roque González, o qual é apresentado como o mártir do Rio Grande do Sul e responsável por introduzir no estado a cultura cristã, tornando-se, assim, o primeiro apóstolo do Rio Grande do Sul. No mês seguinte, a revista segue com as homenagens ao tricentenário do martírio através do artigo *Honroso Centenário*<sup>25</sup>, no qual fazem referência a que tipo de homenagem os católicos podem prestar aos mártires, com isso demonstra que se pretende promovê-los junto à população. Ainda, nessa publicação iniciam-se os artigos de Teschauer, sobre a *Vida e Obras do Venerável Roque González de Santa Cruz*.<sup>26</sup> No mês de novembro de 1928, a revista publica uma edição especial sobre o tricentenário do martírio, enfatizando o apostolado do padre Roque Gonzalez. Por fim, em dezembro de 1928 foi publicado *Um Duplo Tricentenário*<sup>27</sup>, no qual se aproxima o tricentenário da história do Rio Grande do Sul com o tricentenário do martírio do Pe. Roque González de Santa Cruz, sendo que ele é apresentado pela revista como *apóstolo e descobridor* do Rio Grande do Sul, cujos atributos são de desbravador, civilizador, conquistador e missionário.

<sup>24</sup> Ainda, nessa edição de novembro de 1926, existe na revista uma chamada em que eles anunciam que, a partir do ano de 1927, a revista passaria a ter algumas ilustrações e formato maior. Com isso, no ano de 1927, a revista perde suas características de folheto ao passar a apresentar características como: ilustrações, duas colunas, formato maior, entre outros.

<sup>25</sup> RAINHA DOS APÓSTOLOS, op. cit., n. 9, p. 132, set. 1928.

<sup>26</sup> Ibid., p. 133-4.

<sup>27</sup> RAINHA DOS APÓSTOLOS. Vale Vêneto: Pallotti, nº. 12, p.173, dez. 1928.

No ano seguinte, na edição de janeiro há uma nítida referência a primeira relíquia católica em território rio-grandense: o coração de Roque González. A revista relata que, em 1903, o padre Becari foi a Roma e, a pedido de Teschauer reencontrou o coração de Roque González. Becari evidencia a organização e o empenho da Companhia de Jesus “em Roma teve sorte melhor do que muitas outras ordens religiosas devido aos fatos seguintes”<sup>28</sup>. Apesar de ter sido encontrada em 1903, a relíquia só veio em setembro de 1928, sendo levada para Buenos Aires após um ano. Esse relato demonstra um esforço de padres brasileiros de reaver a memória e o culto ao padre Roque González, esforço que não foi recompensado da maneira como eles pretendiam, uma vez que, vindo o coração de Roma foi encaminhado a Buenos Aires. Além disso, ainda na publicação de janeiro de 1929,<sup>29</sup> identificamos que em Buenos Aires, assim como no Rio Grande do Sul, também foi organizada uma comissão promotora das comemorações do tricentenário do martírio. O campo de batalhas se acentua, pois na edição do mês seguinte, existe referência à disputa entre os clérigos de Buenos Aires e do Rio Grande do Sul, a fim de promover a beatificação dos mártires. Isso através do artigo *A Beatificação dos Veneráveis Mártires Riograndenses*, no qual é mencionada a luta pela beatificação em Buenos Aires. Os editores da revista se posicionam pela Igreja sul-rio-grandense.

No ano de 1930, ainda ocorrem muitas referências aos mártires do Caaró, sendo que o primeiro artigo que trata dessa temática é *Os Protomártires Riograndenses*<sup>30</sup>, a partir do qual a revista analisa a hipótese de que coube à expulsão da Companhia de Jesus do Brasil, no século 18, o retardo na beatificação dos mártires. Entretanto entende-se que essa proposição é uma justificativa da Igreja para o longo período que separa o martírio da beatificação dos padres, demonstrando com isso que a Igreja não esqueceu o fato. Além disso, a revista nessa edição sugere outra proposição, a de que as comemorações do tricentenário contribuem para o recomeço da causa da beatificação dos mártires.

Na edição de fevereiro de 1930, a revista, investida do discurso da Congregação Pallottina a que representa, dá continuidade ao artigo *Os Protomártires Riograndenses*. Nessa

---

<sup>28</sup> RAINHA DOS APÓSTOLOS. Vale Vêneto: Pallotti, nº. 1, p. 70, jan. 1929.

<sup>29</sup> Ibid., p. 73.

<sup>30</sup> RAINHA DOS APÓSTOLOS. Vale Vêneto: Pallotti, nº. 1, p. 8, jan. 1930.

continuação do artigo identificamos a dificuldade que os clérigos encontraram para mobilizar a população sul-rio-grandense em prol da beatificação dos mártires, pois como já observamos, desde 1924, a revista desenvolve a proposta de colaboração da população para a beatificação dos mártires.

Com isso, a leitura que podemos realizar é de que, apesar dos esforços da Igreja Católica em mobilizar a população a participar do processo de beatificação dos mártires, essa mobilização não estava de acordo com o que a Igreja esperava. Talvez a Igreja esperasse uma maior mobilização dos fiéis, entretanto essa é apenas uma hipótese, pois não existe nenhuma referência a isso na revista.

Em janeiro de 1931, em *Vida e Obras do Venerável Roque González de Santa Cruz*, de Teschauer, está expressa uma visão de criminalização dos indígenas:

Quem urdia a trama de maliciosa crueldade foi, como já apontou acertadamente Southey, um certo Potirava índio fugido das reduções, que votava aos padres um ódio fidalgo e lhes tinha jurado a morte como parecer provar um atentado anterior contra o padre Aragon. Procurando quem lhe servisse de companheiro na empresa infernal, encontrou-se com Nheçú.<sup>31</sup>

A partir desse fragmento pode-se questionar o caráter demoníaco que o indígena é representado/apresentado aos leitores. Entretanto, o que devemos considerar é o fato que, no artigo da revista, não foi identificado nenhuma posição ponderada que considerasse o indígena, ao assassinar os padres, procurava proteger sua cultura, suas terras, suas crenças, as quais estavam sendo atacadas pela tentativa de cristianização dos indígenas. O único discurso que encontramos na revista enaltece o caráter do martírio e demoniza a figura do indígena, sem ao menos ponderar sobre os motivos que o levaram a adotar tal atitude.<sup>32</sup>

Num outro artigo muito relevante, intitulado *Lembrando o Primeiro Missionário do Rio Grande do Sul*<sup>33</sup>, relata a organização da população com a primeira Romaria do Caaró. A

<sup>31</sup> RAINHA DOS APÓSTOLOS. Vale Vêneto, n. 1, p. 9, jan. 1931.

<sup>32</sup> Ezeula L. de Quadros ao analisar os acontecimentos de 1628 realiza uma profunda análise sobre os massacres, entre eles, o dos indígenas, que foram perseguidos após o episódio de 15 de novembro. Ao tratar da defesa do Modo de Ser Guarani, Paulo R. M. Oliveira também aprofunda esse debate em sua tese, quando trata da Margem Indígena.

<sup>33</sup> RAINHA DOS APÓSTOLOS. Vale Vêneto, n. 12, p. 237, dez. 1933.

revista pontua que nesse dia, 15 de novembro de 1933, aproximadamente mil fiéis foram à localidade do Caaró<sup>34</sup>. Ainda nesse dia, foi realizada uma solenidade, em que se ergueu uma cruz, a fim de sinalizar o local em que seria erguida a capela, a mesma que resiste até hoje.

Esse artigo narra os primeiros momentos da Romaria do Caaró, uma construção iniciada na revista em 1924, momento em que publica o seu primeiro artigo sobre os mártires do Caaró e mantém suas publicações até o período estudado, em 1933. É necessário compreender o processo de ressignificação dos mártires, no intuito de entender como é construída a Romaria do Caaró, buscando através de uma fonte midiática identificar qual discurso<sup>35</sup> empregado pela Igreja Católica chegava até a população. Sendo que, a própria revista justifica a presença de assuntos religiosos nos meios de comunicação ao afirmar que: “atualmente a imprensa domina tudo, e sem ela não se faz nada”<sup>36</sup>. Essas visões eloquentes do martírio, expressas na mídia católica, se infiltraram no corpo do evento da romaria, construindo um universo simbólico particular e uma versão favorável aos missionários. Dessa forma, a revista *Rainha dos Apóstolos* contribuiu e reforçou o significado da Romaria do Caaró, enquanto confirmou uma das origens do patrimônio cultural missionário: o martírio dos três padres, defendido, cultuado, reconhecido e valorizado desde 1933.

## Considerações finais

Por volta das 19hs do terceiro domingo do mês de novembro as comemorações da Romaria do Caaró são encerradas no seu santuário. Gradativamente, os poucos romeiros que lá se encontram ainda recolhem água na fonte sagrada para levarem para suas residências. Outros ainda acendem velas e rezam em frente às lápides simbólicas dos Três Mártires e de Sepé Tiaraju – todos sabem que ali inexistem restos mortais, no entanto, afirmam que sentem

<sup>34</sup> Em relação à localidade do Caaró, ela foi reencontrada pelo padre Luiz Gonzaga Jaeger no ano anterior, ou seja, em 1932. Com o auxílio da população local conseguiu encontrar as ruínas da capela, sendo que é essa história que se conta sobre a localização do Caaró.

<sup>35</sup> Em relação a discurso é pertinente citarmos: “[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 1996, p. 9). A partir dessa citação, podemos afirmar que o discurso é uma relação de poder, em que se seleciona o que será transmitido aos demais, sendo que a revista *Rainha*, enquanto um meio de comunicação, seleciona o seu discurso, bem como acontece com a Igreja.

<sup>36</sup> RAINHA DOS APÓSTOLOS. Vale Vêneto, n. 9, p. 85, jan. 1929.



a presença espiritual e agradecem pelas graças alcançadas, enquanto renovam os seus atos de fé. Alguns ensaiam os últimos cantos, reverenciam o clero. É o momento de voltarem para casa, em suas excursões, em suas conduções particulares ou coletivas e outros tantos seguem a pé, são os andarilhos que percorrem muitos quilômetros para chegarem ao Santuário e depois irem embora. Esses peregrinos podem caminhar de lugares próximos, mas também de lugares distantes, como do Paraguai, Argentina e Uruguai.

Todos os romeiros circulam pelo santuário com uma certeza, de que exatamente naquele lugar Roque Gonzalez e Afonso Rodriguez deram a sua vida para salvá-los, no dia 15 de novembro de 1628. Alguns romeiros idosos relatam que fazem esse percurso desde que eram crianças, que já perderam a conta em quantas romarias foram, mas sabem que foram muitas nesses quase 80 anos de peregrinação. Os arautos desse evento, precursores na década de 1930, já nem são mais lembrados. Hoje o movimento tem seu percurso próprio e os atos litúrgicos em meio às festividades encobrem o evento.

A revista *Rainha dos Apóstolos* continua sendo editada, em outro formato, inclusive online. Seus números continuam circulando no evento e são distribuídos gratuitamente. Em suas páginas, ainda persistem narrativas apologéticas aos mártires do Caaró. Os vestígios do passado histórico missioneiro se misturam com os acontecimentos do tempo presente, e nesse diálogo de permanências e rupturas, percebemos o quanto se constrói a memória social e coletiva da romaria, tendo por princípio a ressignificação e atualização do evento fundante.

As obras consultadas da historiografia tradicional e os artigos da revista *Rainha dos Apóstolos* nos permite observar que a Romaria do Caaró é uma prática da cultura popular, mas que coube aos intelectuais da Igreja Católica normatizar o evento e construir a sua liturgia. A revista *Rainha* facilitou a compreensão do protagonismo dos mártires e se tornou num discurso hegemônico na formação da romaria, antes mesmo de ela acontecer. Assim, a ressignificação dos mártires também foi promovida na imprensa católica, como construção local, regional, nacional e institucional, portanto, um eficaz e poderoso meio de comunicação que facilitou a construção discursiva e positiva que incentivava a população a se organizar, a fim de requerer os mártires como santos católicos.

Mas, o evento está protagonizado pelos seus mitos, ritos, emblemas, sinais e principalmente a sua relíquia – o coração do padre Roque, que movimenta fieis, curiosos,

turistas, estudiosos e que se constitui numa via de acesso ao passado missioneiro, formatando um exemplar de patrimônio cultural. A cada ano, os romeiros reconhecem, prestigiam, valorizam e lutam por esse patrimônio, compreendido como singular na história do Rio Grande do Sul.

## REFERÊNCIAS

ALVES, C. A. S. **O caminho das Missões e seus peregrinos: nova modalidade de produto turístico na região das Missões**. 2007. 162f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BARROSO, V. L. M. Educação Patrimonial e Ensino de História: registros, vivências e proposições. In: \_\_\_\_\_. et al. [Orgs.] **Ensino de história: desafios contemporâneos**. Porto Alegre: EST, 2010.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

\_\_\_\_\_. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. Tradução de Maurício Santana Dias. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 95-115, 1994.

CLIFFORD, James. **The Predicament of Culture: Twentieth Century Ethnography Literature and Art**. Harvard University Press, 1988.

CHARTIER, Roger. História intelectual e história das mentalidades: uma dupla reavaliação. In: \_\_\_\_\_. **A História cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

JAEGER, Luís Gonzaga. **Os três mártires Rio-grandenses**. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1951.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4 ed. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

\_\_\_\_\_. Memória-história. In: **Enciclopédia Einaudi**. V. 1. Verbetes “Documento/monumento”. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes/EDUSC, 1989.

MARIN, Diosen. **Mídia e religião: a Romaria do Caaró nas páginas da Revista Rainha**. 2011. 55f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

OLIVEIRA, Paulo Rogério de. **O encontro entre os guarani e os jesuítas na Província Jesuítica do Paraguai e o glorioso martírio do venerável padre Roque González nas terras de Ñezú**. 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

POMMER, Roselene Moreira Gomes. **Missioneirismo: história da produção de uma identidade regional**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2009.

PRATS, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. **Política y Sociedad**, Madrid n. 27, p. 63, 1998.

QUADROS, Ezeula L. de. **A defesa do modo de ser Guarani: o caso de Caaró e Pirapó, em 1628**. 2001. 162f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo.

QUEVEDO, Júlio. **Guerreiros e jesuítas na utopia do Prata**. Bauru: EDUSC, 2000.

REUS, João B.; ACERETE, J. **Os três mártires das Missões Guaraníticas da Companhia de Jesus**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1934.

ROSENDHAL, Zeny (Org.). **Trilhas do sagrado**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2010.

SANTINI, Cândido. **Triunfos dum coração**. São Leopoldo: Edições do Seminário Central, 1940.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2011.

SAHLINS, Marshall. **Como pensam os nativos: sobre o capitão Cook, por exemplo**. São Paulo : EDUSP, 2001.

TESCHAUER, Carlos. **Vida e obras do Venerável Roque Gonzalez de Santa Cruz primeiro apóstolo do Rio Grande do Sul**. 2 ed. Rio Grande: Livraria Americana, 1913.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

WILDE, Guillermo. **Religión y Poder en las misiones de Guaraníes**. Buenos Aires: Editorial Sb, 2009.

## FONTES

A NACIONALIDADE do padre Roque González. **Rainha dos Apóstolos**, p. 26, nov. 1928. Arquivo Provincial Pallottino [A.P.P.]

AZEVEDO, Soares d'. Um herói da independência. **Rainha dos Apóstolos**, Vale Vêneto, p. 6-7, nov.1928.

CULTORES Martyrum. **Regina Apostolorum**, p. 24, fev. 1924. Arquivo Provincial Pallottino.

CULTORES Martyrum. **Regina Apostolorum**, p. 36, mar. 1924. Arquivo Provincial Pallottino.

HONROSO centenário. **Rainha dos Apóstolos**, p. 132, set. 1928. Arquivo Provincial Pallottino.

LEMBRANDO o primeiro missionário do Rio Grande do Sul. **Rainha dos Apóstolos**, p. 237, dez. 1933. APP.

MIDDELDORF, Germano. Os companheiros do padre Roque González. **Rainha dos Apóstolos**, Vale Vêneto, p. 19, nov. de 1928.

OS PROTOMÁRTIRES riograndenses. **Rainha dos Apóstolos**, p. 20, fev. 1930. Arquivo Provincial Pallottino.

OS PROTOMÁRTIRES riograndenses. **Rainha dos Apóstolos**, p. 8, jan. 1930. Arquivo Provincial Pallottino.

TESCHAUER, Carlos. Vida e obras do Venerável Roque González de Santa Cruz. **Rainha dos Apóstolos**, Vale Vêneto, p. 133-4, set. 1928.

TESCHAUER, Carlos. Vida e obras do Venerável Roque González de Santa Cruz. **Rainha dos Apóstolos**, Vale Vêneto, p. 9, jan. de 1931.

Um duplo tricentenário. **Rainha dos Apóstolos**, p.173, dez. 1928. Arquivo Provincial Pallottino.